
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

A SENDA DA VIRTUDE: ANALISE DA SABEDORIA NO *DHAMMAPADA*[*]

Glício Freire de Andrade Júnior - UFPB[**]

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar a ideia da sabedoria, no budismo, em especifico na tradição *Theravada*, uma das mais antigas escolas búdicas. Em primeiro plano, necessário frisar que tal tradição destaca-se por preservar integralmente os relatos dos ensinamentos do Buda. A compilação dos ensinamentos constitui o "Cânone Páli" ou *"Tipitaka".* Destarte, dentre todos os ensinamentos budistas, destacam-se principalmente as quatro nobres verdades e o caminho óctuplo. A ideia da sabedoria aparece em várias partes do cânone, entretanto, em decorrência de sua extensão, optou-se por algumas passagens do *Dhammapada*, considerado um dos livros mais conhecidos do pensamento budista. Distintamente da perspectiva Ocidental, a sabedoria para o budismo não se trata de uma questão especulativa, conceitual. A sabedoria aqui tem a ver com o autocontrole, retidão do pensar, não alinhamento com as coisas mundanas, sobretudo aqueles que nos prendem ao ego.

Palavras-chaves: Budismo. Sabedoria. Dhammapada.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os escritos da escola *Theravada* correspondem ao pensamento que se desenvolve desde o parinirvana de Siddharta Gautama, o Buda Shakyamuni (c. 563 a.C. - 483 a.C.) até aproximadamente o primeiro século da era cristã. Destacando-se também como a escola mais importante em termos filosófico-doutrinários, a qual corresponde ao pensamento budista clássico[1].

Em um determinado momento histórico, acontece algo com o budismo, surgem novos textos, determinando uma mudança de grandes proporções. Há então uma nova corrente; cria-se um novo conceito,

---

[*] "Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.

[**] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba; possui graduação em Licenciatura em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (2014) e Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (2011); Membro do grupo de pesquisa VIDELICET, vinculado ao CNPq. E-mail: gliciofreire@gmail.com

[1] Ao invés de se falar em budismo primitivo, melhor chamar de budismo clássico.

separando a literatura *Mahayana* (escrita em páli, apresentando todo um repertório que compreende quase tudo o que aconteceu entre os anos 100 a.C. até 500 d.C.) da literatura *Hinayana* (pequeno veículo), que provem a escola *Theravada*.

Com a expansão da escola *Mahayana*, em países como a China, Coréia e Japão, as escolas dos Anciões gradativamente desapareciam, restando apenas a escola *Theravada*, que segundo Cohen:

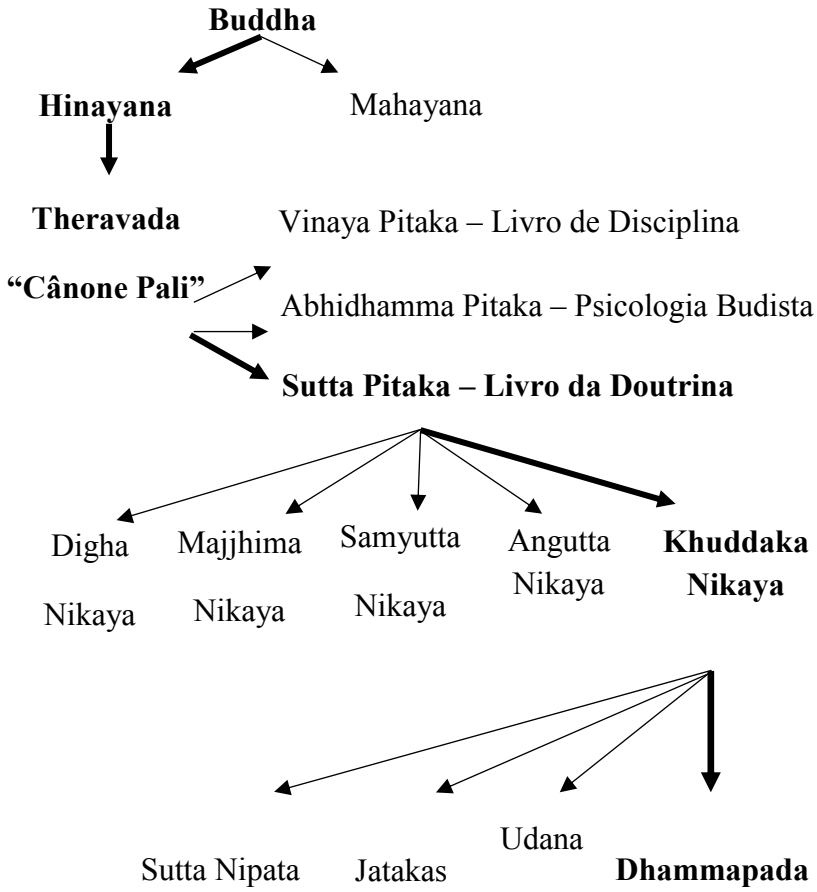
> A sobrevivência desta escola deveu-se a um fato histórico anterior: no século 3 a.C. o rei Tissa do Sri Lanka – chamado nas Inscrições de Ashoka de Tambapanni – enviou uma embaixada ao imperador da Índia, Ashoka. Em resposta, Ashoka recomendou a religião budista e mandou seu filho, o bikshu Mahinda, à ilha para instruir Tissa e seus súditos. As tradições e ensinamentos que Mahinda levara eram os da escola Theravada (o ensinamento dos Anciões) que, posteriormente, estendeu sua influência a outros países circunvizinhos. (COHEN, 2004, p. 258)

Considerado o texto mais conhecido do *Tipitaka* em páli, o *Dhammapada* reúne as escrituras sagradas do Budismo *Theravada.* Incluso no *Khuddaka Nikaya* ou "coleção menor" do *Sutta Pitaka*, o *Dhammapada* torna-se um clássico dentre todas as escrituras budistas, constituindo, a partir do cânone páli, os ensinamentos do Buda histórico.

Após o falecimento de Sidarta Gautama, temos um processo de cisão do budismo, a partir de discordâncias sobre os ensinamentos e o surgimento das diversas escolas budistas. Assim, tais escolas estarão divididas, a grosso modo, em duas correntes distintas: a *Hinayana*, que comporta as escolas mais antigas, conhecida como o "Pequeno Veículo", e a *Mahayana*, "o Grande Veículo".

Os ensinamentos da corrente *Hinayana*, da qual o *Dhammapada* se estabelece, se fundamentam nas quatro nobres verdades, além dos ensinamentos acerca da meditação. Sua meta é a atingir o estado de Arhat, termo que significa um ser de elevada estatura espiritual, uma vez que, considera-se o estado de Buda inatingível nos dias de hoje.

A fim de uma melhor compreensão da localização o *Dhammapada* dentro do contexto do cânone páli, observemos o gráfico a seguir:



Fonte: Própria

No gráfico acima, podemos observar todos os afluentes da escola *Theravada*, que além de se destacar dentre as mais antigas escolas budistas, ressalta-se também por possuir o mais completo conjunto de escrituras, que conhecemos por cânone páli, também conhecido como *Tipitaka* (em sânscrito *Tripitaka*), as Três Corbelhas, vez que está dividido em três grupos: *Vinaya Pitaka*, o livro de Disciplinas; o *Sutta Pitaka*, o livro da Doutrina e o *Abhidhamma Pitaka*, que consiste a psicologia budista (GONÇALVES; MONTEIRO; REDYSON, 2015).

Por vez, a quinta coleção do *Sutta Pitaka*, chamado *Khuddaka Nikaya*, reúne uma coleção de quinze livros, dos quais se destacam: o *Sutta*

Nipata, que reúne uma coleção de diálogos poéticos e peças épicas; as *Jatakas*, ou História do Nascimento budista; o *Udana*, que são os pronunciamentos Solenes de Buda e por fim o *Dhammapada*, a senda da virtude, um tratado completo de teoria ética e estética, que emprega a técnica da poesia para facilitar a difusão de seus ensinamentos.

Devemos lembrar que a cultura da época era eminentemente oral – poucos sabiam ler e menos ainda escrever – e o patrimônio verbal era preservado pela repetição e memorização: daí porque foi essencial transmitir os conceitos budistas de maneira resumida em um livro escrito em forma de poesia.

A SENDA DA VIRTUDE

O *Dhammapada* pode ser considerado um testamento espiritual do Buda, pois a tradição afirma que estes versos foram ditados por ele em várias ocasiões. A palavra *Buddha* (em sua transliteração românica original) vem da raiz *Budh*, que significa "desperto", "consciente", "que sabe"; da mesma raiz origina-se a palavra *Buddhi*, significando "visão", "sabedoria".

De acordo com Cohen (2004), a obra recebeu o nome "A Senda da Virtude" em decorrência dos significados das palavras: *dhamma* + *pada*; *dhamma* significa "virtude", "ensinamento", "doutrina" etc.; *pada* significa "senda", caminho, além de se harmonizar com o caráter que a obra recebe nas estrofes 44 e 45, no *Balavagga* (a flor):

> 44 – Quem conquistará esta terra, e o mundo do
> Rei da Morte e este mundo dos devas?
> Quem colherá a bem-ensinada Senda da Virtude,
> Assim como o perito (jardineiro) uma flor?
>
> 45 – Um discípulo conquistará esta terra, e o mundo do
> Rei da Morte e este mundo dos devas.
> Um discípulo colherá bem-ensinada Senda da
> Virtude, assim como o perito (jardineiro) uma flor.
> (DHAMMAPADA, 2004, p.32)

Quem conquistará a terra, e o mundo do Rei da Morte e deste mundo dos devas? Neste trecho do verso 44 destacamos os três reinos de existência que são citados nos *Suttas*, ao descrever os reinos dos quais os seres caminham por *samsara*: (i) o reino da esfera sensual, (ii) o reino da matéria sutil e (iii) o reino imaterial. O Rei da Morte (*Yama*) representa a ideia budista das ações morais dos homens que trazem suas apropriadas recompensas ou penalidades, ou seja, aquele que conquistar o Rei da Morte não passará por um estado miserável e nem sofrerá algum mal prejudicial, conquistando assim o mundo dos *devas*, que são os seres luminosos e que desfrutaram dos prazeres, resultados de suas ações.

A conquista desse rei depende do entendimento das quatro nobres verdades e da prática do Caminho Óctuplo, que delinearemos sucintamente a seguir.

As Quatro Nobres Verdades são as seguintes, relacionadas na sequência de deduções do Buda em suas profundas reflexões:

1ª Nobre Verdade – *Dukkha* – a vida é desequilibrada e desarmônica, é sofrimento;

2ª Nobre Verdade – *Samudaya* – a desarmonia é causada pelos Três Venenos Mentais (a ira, a cobiça e a ignorância), os quais geram o sofrimento;

3ª Nobre Verdade – *Nirodha* – o equilíbrio pode ser restaurado e o sofrimento eliminado;

4ª Nobre Verdade – *Margha* – pela prática do Caminho do Meio (ou Caminho Óctuplo) restaura-se o equilíbrio (HANH, 2001).

"A pessoa deve seguir o Caminho do Meio – o Nobre Caminho Óctuplo" (COHEN, 2014, p. 262), qual seja, aquele que o Buda descobriu para efetivar a quarta nobre verdade, ou seja: sem esta prática não é possível se libertar do sofrimento. Seus elementos constituintes podem ser divididos em 3 categorias, a saber:

SABEDORIA (*Prajna*)

1.Visão correta (*samyak-drishti*)

2. Intenção correta (*samyak-samkalpa*)

ÉTICA (*Shila*)

3. Fala correta (*samyak-vach*)

4. Ação correta (*samyak-karmata*)

5. Meio de vida correto (*samyak-ajiva*)

CONCENTRAÇÃO (*Samadhi*)

6. Esforço correto (*samyak-vyayama*)

7. Atenção correta (*samyak-smiriti*)

8. Concentração correta (*samyak-samadhi*)

É pertinente frisar que a felicidade alcançada pela prática do Caminho Óctuplo não é da mesma natureza efêmera da paz que o indivíduo não praticante vivencia no seu cotidiano. Ela flui de um estado mental e emocional ainda melhor, pelo qual se descortina a impermanência e insatisfatoriedade do mundo à nossa volta (BULLITT, 2016).

Na estrofe 178 do *Dhammapada*, revela-se que "o alcance dos diferentes estágios no caminho budista é para ser proferido mesmo em detrimento da possessão de todo o mundo" (idem).

> 178 – O exclusivo reinado da terra; a ida ao céu;
> O domínio sobre todos os mundos -, melhor que
> Estes é a recompensa da Entrada na Corrente.
>
> (DHAMMAPADA, 2014, p.262):
>
> Ele exorta todos os seres a desenvolver aqueles fatores de iluminação que lhes possibilitam cultivar a mente, e enfatizar o princípio de que alguém faz ou desfaz a si mesmo, e que nenhum outro pode ajudar alguém a se livrar das impurezas. (COHEN, 2004, p. 326)

É com a *Hinayana*, e consequentemente a escola *Theravada* que o budismo irá alicerçar os ensinamentos de Buda, como seguir o Caminho do

Meio (com as nobres quatro verdades), e o Caminho Óctuplo, conforme destaca Ferraro, ao dizer que:

> [...] é sabido, o primeiro sentido com o qual o Buda utiliza a imagem de *madhyamā-pratipad* (em *pāli*, *majjhimā paṭipadā*) é um sentido 'ético': no seu primeiro sermão, o *Dhammacakkapavattana-sutta*, os dois extremos a serem evitados são os 'prazeres sensuais' e a 'mortificação de si mesmo' por meio das duras práticas ascéticas às quais o próprio Buda se submeteu no começo da sua 'carreira espiritual': "Evitando esses dois extremos, ó monges, o Tathāgata realizou o 'caminho do meio', que conduz à visão, ao conhecimento, à paz, à sabedoria, à iluminação, à extinção" (FERRARO, 2012, p. 266)

No mais, Cohen, considera que "a linguagem do Dhammapada é casta, elegante e às vezes, simples" (2004, p. 263), como exposto na estrofe 103:

> 103 – Embora um homem conquiste numa batalha mil
> vezes mil homens;
> O maior vitorioso em batalha seria em verdade
> aquele que conquistasse a si mesmo.
> (DHAMMAPADA, 2004, p. 67)

Os versos acima mostram a clareza do Dhammapada, ao apresentar a supremacia da vitória da pessoa na conquista de si. Deixa claro de que derrotar milhares em batalhas é irrelevante enquanto o indivíduo não aprender a vencer a si mesmo, a controlar seus pensamentos e seus apetites. Mas este autocontrole não é somente desejar e não fazer, mas sim chegar ao ponto de não mais desejar aquilo que inquieta o indivíduo e o afasta do caminho da lei. Ainda neste contexto, Cohen deixa claro que "[...] os versos são encantadores aos leitores compreensivos e seu significado é inteligível [ao homem mediano] na maioria dos casos" (COHEN, 2004, p. 263).

A SABEDORIA

Logo nos primeiros versos do Dhammapada está a expressão de seu pensamento ético, que assegura que as ações (*karma*) praticadas com o concurso da mente resultam em nossa felicidade ou infortúnio futuros. Este ensinamento perpassa os três primeiros capítulos, demonstrando o contraste entre o sábio – aquele que treina a mente para seguir o *Dhamma* – e o tolo – que não treina a mente e está desatento quanto ao próprio futuro. Neste sentido, vamos analisar os versos do *Panditavagga* (O sábio), capítulo VI do *Dhammapada*. Observemos a beleza destes versos, marcada pela sobriedade e pela riqueza de ensinamentos que o homem ocidental certamente recordará já ter bebido em outras fontes, ainda que com outras palavras:

76 – Fosse alguém ver um homem inteligente que lhe
aponta o que deve ser evitado como se
desvendasse um tesouro,
E lhe repreende as falhas, que ele cultive amizade
Com este sábio -,
Tal cultivar de amizade é-lhe para melhor e não para pior.

77 – Que ele (o Sábio) exorte, instrua e demova (os outros)
do que é improprio;
Deveras do bom ele se torna querido, pelo
maléfico ele e detestado.

78 – Não te associes às más companhias, não te associes
aos vis homens;
Associa-te aos virtuosos amigos, associa-te aos
melhores entre os homens.

79 – Aquele que se embebe no Darma vive na felicidade
com a mente serena;
No Darma pregado pelos nobres o sábio
Incessantemente se deleita.

80 – Os construtores-de-canais conduzem a água,
Os fazedores-de-flechas endireitam a haste,
Os carpinteiros trabalham a madeira;
Os sábios domam a si mesmo.

81 – Assim como uma sólida rocha não é sacudida pelo vento,
Assim não são os sábios movidos pela censura ou elogio.

82 – Tal qual um lago, profundo, límpido e calmo,
Assim tornam-se os sábios serenos ao ouvir os Ensinamentos.

83 – Em qualquer circunstância as boas pessoas resignam-se; os bons homens não parolam tomandos de prazeres sensuais;
Tocados quer pela felicidade quer pela dor, os sábios não demonstram alteração.

84 – Nem para si mesmo nem para outros deveria um homem desejar filho, ou riqueza, ou reinado;
Por meios vis não deveria desejar sucesso para si próprio; (então) seria ele justo, sábio e virtuoso.

85 – Poucos são entre os homens que vão à outra margem;
O restante da humanidade apenas vai e vem ao longo (desta) margem.

86 – Mas aquele que seguem o Darma após este ter sido bem exposto,
Estes homens alcançarão a outra margem (passando) o reino da Morte, tão difícil de cruzar.

87 / 88 – Abandonando o estado de escuridão, que o sábio cultive a clareza:
Tendo ido (da vida) de casa ao sem-casa, em solidão, onde gozo é ausente,
Que nela deliciar-se ele anseie. Renunciando à luxúria, possuindo nada,
Que o sábio purifique a si mesmo das impurezas do coração.

89 – Aqueles cujas mentes estão perfeitamente desenvolvidas nos constituintes de Iluminação,
Que não se ligando ao mundo regozijam-se em terem do apego se libertado,
Cujos cancros estão destruídos, resplendentes (em sabedoria) -, eles emanciparam-se (de todo laço terreno) neste mundo.

(DHAMMAPADA, 2004, p. 57 - 59)

Os versos deste capítulo demonstram que o cultivo da disciplina mental impede o cometimento do mal pela prática de palavras ou ações inadequadas. A conduta correta é construtora do caráter e é uma conquista pessoal, vez que não é transmissível. O esforço e a atenção é que levam ao domínio de si.

Além disso, o autocontrole também é essencial, pois a entrega plena aos prazeres sensórios leva o indivíduo à decadência social. E só pela admissão de suas faltas é que o indivíduo estará apto a ser treinado para combater o desejo de gratificação sensual.

O *Panditavagga* reafirma como o sábio está além dos abalos provocados pelas vicissitudes da vida: não que ele esteja incólume de todas elas – ainda que se afaste do convívio dos néscios e de suas práticas –, mas a reação do sábio aos problemas será a mais racional e eficaz para a solução dos problemas. Os sábios tornam-se impassíveis diante do mundo, dado que conhecem a sua natureza impermanente.

Assim, a alegria (*sukha*) e a tristeza (*dukkha*) não perturbam o sábio. Este par de opostos são os fatores que mais influenciam a conduta da humanidade. Como já frisamos anteriormente, no cotidiano dos não praticantes do *Dhamma*, a felicidade é a satisfação de um desejo e após satisfeito, nossa mente já parte em busca de um outro prazer, o que demonstra que o indivíduo destreinado é marcado pela egoísta e insaciável busca de prazer. Logo, a vida do homem mediano é buscar fugazes momentos de um prazer ilusório e temporário. Daí por que é comum vermos casos de pessoas abastadas não se sentem felizes, embora possuam recursos para satisfazer quase todos os seus desejos materiais.

Por oportuno, é pertinente frisar que o Buda foi de encontro ao rígido sistema de castas de sua época, pois até então, a transmissão de ensinamentos espirituais era reservada aos poderosos brâmanes. Além disso, ele também não fez distinção de casta, clã, classe ou sexo para a transmissão do *Dhamma*. Podemos ir além da mera visão da transmissão de um sistema moral e considerar que a sabedoria pregada pelo Sakyamuni

se destina até às questões de saúde pública, no tocante à saúde mental, pois hoje, apesar dos avanços na psicoterapia e no reconhecimento dos males do estresse, quantos não são os casos de crimes e suicídios provocados por pessoas que não souberam controlar suas emoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, diante da poética elegante, as vezes simples, compreensível e até mesmo inteligível, como o próprio Cohen afirmava. O estilo paralelo em seus versos, como expresso nos versos 44 – "Quem conquistará esta terra, e o mundo do Rei da Morte e este mundo dos devas?" e sua resposta no 45 – "Um discípulo conquistará esta terra, e o mundo do Rei da Morte e este mundo dos devas". Ou até mesmo com um de seus versos mais tocantes, ao dizer que aquele homem que vencer a si mesmo, terá a maior vitória do que aquele que venceu uma batalha mil vezes mil homens (verso 103).

No mais, buscou-se apresentar a importância do *Dhammapada*, não apenas para o budismo Theravada, mas como para todo o budismo em si. Como aquele que carrega os ensinamentos do Buda.

REFERÊNCIAS

BULLITT, John. **What is Theravāda Buddhism?** Disponível em: < http://www.buddhanet.net/e-learning/buddhistworld/whats-thera.htm>. Acesso em: 05 jan. 2016.

DHAMMAPADA. Nissim Cohen (tradução). São Paulo: Palas Athena. 2004a.

DHAMMAPADA. Georges da Silva (tradução). São Paulo: Pensamento, 2004b.

FERRARO, Giuseppe. "**Verdade ordinária" e "verdade suprema" como bases dos ensinamentos budistas no pensamento de Nāgārjuna**. Tese de doutorado. UFMG, 2012.

GONÇALVES, Ricardo Mário; MONTEIRO, Joaquim; REDYSON, Deyve. **Antologia budista**. São Paulo: Fonte editorial, 2015.

HANH, Thich Nhat. **A essência dos ensinamentos de Buda**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.